



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i1.1302>



História oral e migrações do Nordeste para o Sudeste: um estudo sobre a produção brasileira

Valéria Barbosa de Magalhães*

ORCID iD 0000-0002-6817-4192

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo apresentará os resultados técnicos do projeto intitulado *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*, coordenado e conduzido pela autora deste texto, com financiamento da Fapesp. Serão explicitados aqui o método e os procedimentos utilizados, bem como a discussão dos resultados com base nos dados obtidos no levantamento bibliográfico e nas entrevistas. Tendo por subsídio a diversidade e a complexidade do material colhido na pesquisa, o texto mostrará como se constituiu um campo de estudos sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste com o uso de entrevistas e descreverá as conexões entre os grupos de pesquisa, a formação de novos pesquisadores e o uso de narrativas.

Palavras-Chave: Migrações do Nordeste para o Sudeste. História oral. Entrevistas. Estudos migratórios.

Oral History and migration from the Northeast to the Southeast of Brazil: analyzing the academic production

Abstract: This article will discuss the results and conclusions of the project entitled “Nordestinos in São Paulo and Oral History: historical and critical approach”, conducted by the author. It intends to present the methodology and the data obtained by bibliographical research and interviews with researchers on the field. The constitution of a specific field of studies on the migration from the Northeast to the Southeast of Brazil that uses interviews is revealed by the diversity and depth of the data collected. This text will also describe the connections among internal migration research centers in Brazil, the formation of new researchers and the interviews as a method.

Keywords: Internal Migration from the Northeast to the Southeast of Brazil. Oral History. Interviews.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo(USP). Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP). Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (USP). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP). E-mail: gephom@gmail.com.

Brazilian Internal Migration Studies.

Apresentação

Este artigo pretende divulgar alguns dos resultados técnicos da pesquisa intitulada *Nordestinos em São Paulo e a História Oral: abordagem histórico-crítica*, coordenada e conduzida pela autora deste texto, com apoio da Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).¹ Serão explicitados o método e os procedimentos utilizados e discutidos os resultados, a partir dos dados obtidos no levantamento bibliográfico e nas entrevistas, bem como o processo de constituição do campo de pesquisa sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste com o uso de entrevistas.

A pesquisa teve por objetivo realizar um levantamento da produção bibliográfica brasileira sobre migrantes do Nordeste no Sudeste do Brasil que tivesse utilizado o recurso das entrevistas, principalmente aquelas vinculadas à história oral.

Foram selecionadas publicações (artigos em periódicos, livros e capítulos de livros, dissertações e teses) sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste que tivessem assumido ter utilizado entrevistas (abertas), preferencialmente nos resumos dos textos. Incluiu-se neste processo todos os trabalhos encontrados que estudassem o tema, sendo o primeiro deles de 1929 e o último de 2020, quando o projeto se encerrou.² Em seguida, filtrou-se esses dados para uma seleção somente dos itens que tivessem utilizado entrevistas. A produção foi descrita e caracterizada criticamente a partir de suas identificações metodológicas no campo da história oral.

O levantamento da produção se deu nos acervos de todas as bibliotecas e bancos de teses e dissertações de universidades públicas do Nordeste e do Sudeste, além da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e também de periódicos no campo das migrações, história oral e memória. Foram acessados ainda os portais bibliográficos como Busca Integrada USP, Scielo e Portal Capes.

O projeto envolveu, além disso, entrevistas de história oral com especialistas nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste de universidades das duas regiões. Neste artigo, são apresentados os resultados do levantamento bibliográfico em seus aspectos quantitativos e é feita uma caracterização dessa produção para, em seguida,

¹ Projeto: *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*. Coordenação: Valéria Barbosa de Magalhães. Vigência: 2017-2020. Financiamento: Fapesp, a quem agradeço o apoio, sem o qual esta pesquisa não teria sido possível.

² A formação do universo bibliográfico estudado está claramente explicada na seção “Considerações sobre os dados quantitativos”, na qual explico minuciosamente e detalhadamente todo o processo metodológico de trabalho com as fontes bibliográficas, bem como as formas de registro, escolhas e critérios de seleção dos itens que constituíram as tabelas e gráficos e o percurso de síntese e análise desses dados.

se discutir as entrevistas. As narrativas dos pesquisadores revelaram a constituição de trajetórias intelectuais nesse campo de estudos. Elas descortinaram a formação de redes de grupos de pesquisa, confirmando e aprofundando o que havia sido sugerido pela etapa do levantamento bibliográfico.

Este estudo constitui-se em um trabalho de história intelectual e de descrição da constituição de um campo de pesquisas: ele revela como se formou a área de estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste em sua especificidade com o uso de entrevistas.

O recorte “Nordeste para o Sudeste” se justifica por alguns motivos: primeiramente, a autora deste artigo havia procedido a outra pesquisa semelhante sobre o uso de entrevistas nos estudos das migrações internacionais do e para o Brasil (Magalhães; Santhiago, 2015). Foi esse trabalho, na ocasião financiado pelo CNPq,³ que apontou a necessidade de aprofundamento de estudos dos usos de entrevistas para o caso das migrações internas.

A escolha pelo recorte das migrações do Nordeste para o Sudeste se justifica, também, por este ter sido efetivamente o principal movimento migratório interno no país, desde final do século XIX.⁴ Além disso, a autora deste artigo havia estudado a presença de nordestinos nos bairros da Zona Leste de São Paulo, em projetos anteriores (Magalhães, 2013, 2015).⁵

Isso não exclui, porém, a importância de se estudar o uso de entrevistas em outros movimentos migratórios internos. Em pesquisas futuras, uma delas já iniciada, pretende-se analisar o uso dessa técnica em outros estudos migratórios brasileiros como, por exemplo, das migrações do Nordeste para o Norte do país e do Norte de Minas para São Paulo.

Este artigo será iniciado com a caracterização do contexto histórico das migrações do Nordeste para o Sudeste, para depois delimitar o que aqui se entende por Nordeste e por migrações nordestinas. Em seguida, serão apresentados os resultados do levantamento bibliográfico (análise quantitativa e qualitativa) e, depois, das entrevistas em sua articulação com os achados da pesquisa bibliográfica.

As migrações do Nordeste para o Sudeste

Este projeto entende a ideia de “Nordeste” como uma construção que não corresponde à dinâmica social e histórica heterogênea dos nove estados que compõem a

³ Projeto: *História oral e imigração: Abordagem histórico-crítica da produção brasileira*. Coordenação: Valéria Barbosa de Magalhães. Vigência: 2011-2013. Financiamento: CNPq.

⁴ Segundo Medeiros de Melo e Fusco (2019, p. 1), “a migração de nordestinos para a Região Sudeste entre os anos 1930 e 1970 foi um dos maiores fenômenos da dinâmica demográfica no Brasil”. Os autores indicam que no censo de 2010, a população nordestina na região metropolitana de São Paulo contabilizava mais de 3 milhões de pessoas ou 15% de toda a sua população.

⁵ Projeto: Lembranças de antigos moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros. Coordenação: Valéria Barbosa de Magalhães. Vigência: 2010-2012. Financiamento: Fapesp.

região.⁶ Tal construção se reflete, por suposto, na forma como as migrações do Nordeste para o Sudeste são entendidas.

As pessoas que vivem no Nordeste estão inseridas em diferentes paisagens geográficas e em circunstâncias culturais e históricas muito diversas. Assumimos, portanto, que não há apenas uma migração do Nordeste para o Sudeste, mas muitos fluxos e processos diferentes que às vezes são erroneamente entendidos como um fenômeno único e homogêneo. Em termos gerais, existem algumas condições históricas e econômicas comuns que funcionam como “pano de fundo” para explicar parcialmente esses diferentes movimentos: a seca em uma porção do território do Nordeste, a centralidade econômica do Sudeste no país e impulsionada pela crise agrária que se iniciou no século XX, e a ideia de São Paulo como terra de oportunidades.

Considerando sua heterogeneidade, a migração dos nordestinos para o Sudeste do Brasil poderia ser pensada, em termos gerais, em relação às condições políticas e econômicas às quais cada onda migratória está vinculada. É necessário levar em conta as situações complexas conectadas a cada uma delas, bem como o importante papel das redes de migração e as motivações familiares e subjetivas nesse processo.

O Nordeste reteve metade da população do país em 1872 (46,7%), mas sofreu um declínio gradual, ao longo de mais de um século, até atingir a marca de 27,8%, em 2012. Nesses 140 anos, a queda da população ocorreu principalmente devido à migração interna no país, considerando que a taxa de fertilidade permaneceu uma das mais altas do Brasil (Ojima; Fusco, 2015). Boa parte das pessoas que deixaram os estados do Nordeste, ao longo do século XX, foi direcionada para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Durante esses anos, os migrantes nordestinos transformaram todos os aspectos desses dois estados de destino: economia, cultura, relações de trabalho, características urbanas, política e geografia. São Paulo e Rio de Janeiro alcançaram seu estágio atual de desenvolvimento e cultura.

A seca no Nordeste e a negligência dos proprietários ricos em relação aos pobres foram alguns dos elementos, mas não os únicos, que mantiveram pessoas fora de seus locais de origem nesses 140 anos, dependendo de cada contexto migratório. Por exemplo, do século XIX aos anos 1930, a mudança do centro político e econômico do Nordeste para São Paulo e Rio de Janeiro e a desigual estrutura fundiária no Nordeste foram motivos importantes para migrar.

Entre 1930 e 1950, a migração interna maciça esteve relacionada à transição de um Brasil colonizado, que importou diferentes tipos de imigrantes e migrantes,

⁶ Desde 1970, o IBGE divide o Brasil em cinco regiões, compostas cada uma por vários estados. São elas: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A Região Nordeste abriga os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. É a terceira maior região do país (18,3% do território brasileiro), totalizando 1.561.177 km², segundo a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). A paisagem do Nordeste é caracterizada por diferentes climas e padrões geográficos, variando de seca extrema para áreas úmidas, como no litoral urbano e desenvolvido. O Sudeste abriga São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Os dois primeiros estados se constituíram historicamente nas principais áreas de recebimento de migrantes do Nordeste.

para uma sociedade industrial moderna (Menezes, 2004). Durante a Segunda Guerra Mundial, com a rejeição ao imigrante estrangeiro, os nacionais substituíram essa mão de obra nas lavouras do Sudeste.

A partir da década de 1950, os movimentos internos de migração foram estimulados pela crescente industrialização do pós-guerra e pela expansão das fronteiras agrárias. Esse evento foi estendido até a década de 1980, quando a intensa metropolização em cidades como São Paulo expulsou os pobres das regiões centrais das grandes cidades, principalmente migrantes e negros, para os limites de suas fronteiras, formando o que hoje conhecemos como “periferias” ou subúrbios. Para Menezes (2004), é necessário repensar a ideia de que a migração do Nordeste para o Sudeste seja um fluxo permanente que sempre foi causado por diferenças na concentração de capital. Segundo a autora, esse movimento foi também uma estratégia de sobrevivência da própria sociedade rural no processo de modernização, considerando-se os retornos ao local de origem.

Nas décadas de 1970 e 1980, a “periferização”⁷ de regiões urbanas foi fundamentalmente alimentada pelos migrantes internos que procuravam lugares acessíveis para morar, bem como pela melhoria dos sistemas ferroviários e de ônibus urbanos que forneceriam transporte público a essa força de trabalho, com empregos nas áreas centrais da metrópole. Da mesma forma, as indústrias estabelecidas nas fronteiras das grandes cidades atraíram para si os migrantes. Os movimentos sociais da habitação também estavam crescendo intensamente nas periferias, no final da década de 1970. Os mutirões, que constituíam uma organização comunitária para a construção de casas populares, seriam o principal caminho para os trabalhadores dos subúrbios – a maioria originários do Nordeste – conseguirem o sonhado lar. Outro recurso de moradia nas periferias foram as casas populares subsidiadas pelo governo, como das Cohabs⁸ e outras formas de habitação não necessariamente vinculadas ao Estado, tais como ocupações.

Os migrantes das décadas de 1970 e 1980 entrelaçaram o trabalho na indústria com os campos de cana-de-açúcar, tendo em vista que as indústrias do Rio de Janeiro e São Paulo estavam em processo de descentralização em todo o país. As redes sociais constituíram outro fator de estímulo para a ocupação dos espaços periféricos pelos migrantes, principalmente as unificações familiares.

Os anos 1990 se caracterizaram pelas migrações sazonais ou inter-regionais temporárias e interestaduais e pela migração de retorno para o Nordeste. Um dos motivos pelos quais as pessoas foram deslocadas do Nordeste nos anos 1990 foi o

⁷ A ideia de periferia é usada na literatura brasileira para designar, na Geografia, por exemplo, as fronteiras das grandes cidades, longe do centro econômico e geográfico onde vive a maioria das pessoas pobres ou da classe trabalhadora. “Periferia”, para a abordagem culturalista, é mais do que um conceito com significado geográfico. É também um conceito de identidade que está ligado à maneira como as pessoas dos subúrbios vivem. Ideia semelhante foi usada por Manfred Kühn para designar a desigualdade social na Europa (KÜHN, 2015).

⁸ *Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo*. Esse órgão promoveu a construção de casas e apartamentos populares nas periferias de São Paulo, a partir de 1970.

declínio da produção de açúcar em Pernambuco e mudanças na economia nordestina (Menezes, 2004). Nessa década, as migrações se concentraram no trabalho agrícola em São Paulo e internamente nos estados do Nordeste (Menezes, 2004).

A migração interestadual no Brasil diminuiu de 5,2 milhões, em 1995, para 3,2 milhões, entre 2004 e 2009 (Baeninger, 2012). No início do século XXI, houve dispersão da migração metropolitana para o interior dos estados. Uma migração de retorno para o Nordeste se iniciou, após 2003, com os investimentos do governo Lula em políticas sociais na região Nordeste, destacando-se os projetos contra a seca, como *Um milhão de cisternas*, por exemplo (Carvalho; Lima; Silva, 2017), e a favor dos pequenos agricultores.

A construção de um imaginário de “migrante nordestino”⁹

Ao longo da pesquisa, optou-se pela substituição do termo “nordestinos” por “migrantes do Nordeste”. A razão para essa escolha tinha por objetivo evitar as generalizações e estereótipos que a concepção de “nordestinos” carrega em si. Buscou-se reforçar o contrário: que o Nordeste (geográfico) é heterogêneo, multifacetado e mutante, não correspondendo às fronteiras da divisão regional estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde 1970, ou às generalizações a ele atribuídas.

Aliás, os “migrantes do Nordeste” têm, por vezes, mais semelhanças em termos de fluxos migratórios com outros estados de fora do que com os estados da própria região, como acontece com os fluxos de migrantes do norte de Minas e do sul da Bahia.

Pela divisão oficial de 1942, instituída no Governo Vargas, a Bahia não integrava o Nordeste, mas sim a região Leste, juntamente com Minas Gerais e Rio de Janeiro. A divisão da época era: Norte, Nordeste, Leste, Centro-Oeste e Sul. A configuração regional que conhecemos hoje foi herdada da Ditadura Militar e estabelecida pelo IBGE em 1970.

Segundo Boscarriol (2017), enquanto a primeira divisão (1942) baseava sua organização nas características “naturais”, a segunda (1970) buscava o agrupamento por regiões “homogêneas”. Há críticas à forma como essas regiões foram pensadas e instituídas após 1970, tendo em vista se constituírem como subsídio para políticas públicas. Os questionamentos se referem às tentativas de agrupamento forçado de realidades culturais, históricas, geográficas e econômicas muito diferentes.

Outras propostas de divisão regional foram pensadas: Pedro Pinchas Geiger, por

⁹ Uma versão prévia desta seção do artigo foi publicada na Revista CERU (Magalhães, 2019), na ocasião da entrega do relatório parcial da pesquisa à Fapesp. A presente versão avança nos resultados finais da pesquisa e aponta dados quantitativos e das entrevistas, antes não disponíveis.

exemplo, defendeu a divisão geoeconômica do país em três regiões, enquanto Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001 *apud* Boscariol, 2017) defenderam considerar o território a partir de sua história para a constituição das regiões. Pela proposta destes últimos, o Brasil seria dividido em quatro regiões: Amazônica, Nordeste, Centro-Oeste e Concentrada.

O que vemos, portanto, é que os limites regionais são construídos, que não são fixos e que atendem a contextos sócio-políticos específicos, de modo que não podemos reduzir as migrações do Nordeste à fixidez regionalista do IBGE. Na maior parte dos 140 anos de migrações do Nordeste para o Sudeste, como assinalado anteriormente, a Bahia sequer fazia parte do Nordeste, mas sim da região Leste.

Estudar migração de “nordestinos” para outras partes do país nos impõe também uma reflexão sobre o que significa o conceito/imaginário de “nordestino”, muitas vezes assumido como algo fixo, neutro e rural em boa parte dos estudos sobre as migrações de/para a região Nordeste, bem como pelo próprio senso comum (Albuquerque, 1999).

Em seu trabalho *A Invenção do Nordeste e outras Artes* (1999), Durval Muniz de Albuquerque Júnior explica que a concepção discursiva de “Nordeste” como algo cristalizado e tradicional foi gestada no início do século XX, a partir de uma construção que engloba aspectos como economia, política e cultura.

Desse modo, “ser nordestino” é um aprendizado, não se nasce “nordestino”, torna-se um. Esse “tonar-se” pode acontecer por meio de “dispositivos disparadores de nordestinidade”, para nos apropriarmos de um conceito desenvolvido por Maknamara e Paraíso (2009), que podem estar no campo da cultura ou no campo social, e que são causa e efeito de atribuições identitárias generalizadora que vêm “de dentro” e “de fora”, isto é, de quem assim se identifica ou de quem assim os identifica.

No presente artigo, portanto, entenderemos os migrantes “nordestinos” como uma categoria discursiva complexa e heterogênea, que não necessariamente corresponde aos limites geográficos da divisão regional do IBGE oficial e nem aos estereótipos reforçados pelas regiões receptoras desses migrantes.

Entendemos as migrações nordestinas a partir de um Nordeste expandido, que pode alcançar lugares como o norte de Minas, considerando que algumas levas migratórias também vinham das fronteiras mineira e baiana.¹⁰ **Todavia**, no desenho metodológico desta pesquisa optou-se por não ampliar o recorte além dos limites dos nove estados da região Nordeste definidos pelo IBGE. Optou-se por analisar em profundidade somente as migrações dos estados do Nordeste para o Sudeste, seguindo a regionalização desse instituto. Temos em mente, porém, que essa delimitação é problemática, pois a história das migrações nordestinas se confunde com a de outras

¹⁰ A discussão sobre as múltiplas identidades dentro do Nordeste é ampla e tem sido tratada por diversos pesquisadores. Não teremos espaço para explorá-la aqui, mas como exemplo, cito o estudo de Cláudia Vasconcelos (2011) sobre a difícil relação identitária entre Salvador, o recôncavo e as cidades turísticas, e o sertão baiano. A autora parte da pergunta sobre o que é ser baiano e mostra os pertencimentos e recusas identitárias entre as diferentes inserções dentro do território da Bahia.

regiões que estão ligadas ao Nordeste, seja culturalmente, seja geograficamente.

A decisão sobre esse recorte foi difícil e foram considerados muitos prós e contras de se manter ou não os estudos fora dessa delimitação. Escolheu-se, ao final, manter a fidelidade ao recorte original proposto à Fapesp, levando-se em conta a dificuldade em se trabalhar com bibliografia que envolvesse outros locais de origem, o que ampliaria imensamente o escopo de análise e traria novas questões conceituais. Por fim, decidiu-se manter o recorte inicial, mas com a promessa de ampliação desse escopo em pesquisas futuras.

Como desdobramento do projeto, a autora deste artigo iniciou a ampliação do recorte, incluindo o levantamento do uso de entrevistas nos estudos das migrações do Nordeste expandido (abrangendo o norte de Minas Gerais e o leste do Pará). No futuro, pretende-se analisar o uso de entrevistas nos trabalhos sobre migrações internas/intra-estados do Nordeste e em direção à região Norte.

Nas seções seguintes e considerando as discussões conceituais acima, serão apresentados os dados coletados e a sua análise. Inicialmente, será abordado o levantamento bibliográfico e seus resultados. Em seguida, serão analisadas as entrevistas, cujo percurso derivou dos achados bibliográficos.

Considerações sobre os dados quantitativos

A atividade de levantamento bibliográfico baseada no recorte original do projeto (Nordeste geográfico) foi toda registrada em uma planilha na qual os dados (bibliográficos, tipo de entrevista, resumos e outros) foram anotados de acordo com critérios pré-definidos.

Para o levantamento da produção brasileira das migrações do Nordeste para o Sudeste que usou entrevistas, alguns termos-chave orientaram a busca nos periódicos e bibliotecas especializadas.¹¹ A partir deles, outros termos semelhantes foram utilizados e agregados à pesquisa bibliográfica. Foram incorporadas também as referências citadas nos trabalhos selecionados, desde que preenchessem os requisitos do recorte do projeto.

O levantamento bibliográfico gerou, ao final do projeto, o total de 205 itens registrados em uma planilha com detalhes de suas referências e cópia dos resumos, se

¹¹ As palavras-chave principais que orientaram o levantamento foram: Retirantes; Migrações; Migrações internas; Migração rural-urbana; Nordestinos em São Paulo; Nordestinos no Sudeste; Migrações; Nordestinos *and* migrantes; Migrantes. Na ocasião do relatório parcial entregue à Fapesp, em março de 2019, o termo “retirante” ainda não havia sido incorporado à busca bibliográfica. Em entrevista realizada em parceria entre o Centro de Estudos Migratórios da Missão Paz (CEM) e o Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM), a palavra foi citada como tendo sido esquecida nos estudos atuais. Foi então que se decidiu que havia necessidade de incluí-la no levantamento bibliográfico, o que acabou rendendo novos itens para a pesquisa. Foram encontrados e registrados itens que variavam do ano 1929 até 2020, data de encerramento do projeto. Em um estudo como este, não se deve trabalhar com recorte temporal porque foi justamente a abdicação desse recurso que permitiu que fossem desvendadas as diferenças na produção entre as diferentes décadas.

disponíveis, além de outros critérios. Dessa planilha inicial, foram excluídos alguns itens semelhantes de um mesmo autor, decidiu-se manter as publicações que estivessem mais próximas do recorte do projeto, no limite de cinco itens por autor.

Ao longo da análise qualitativa e quantitativa dos dados da planilha por meio dos resumos ou do acesso ao texto integral, alguns itens foram desconsiderados. Primeiramente, uma leva de exclusões se deveu aos textos que se referiam a outros destinos tradicionais dos nordestinos, como o norte de Minas ou do Pará.

Foram excluídos também os trabalhos aos quais não tivemos acesso nem ao texto impresso e nem à versão *online*. A maior parte deles eram publicações anteriores à década de 1960, as quais se constatou serem de natureza demográfica. Dessa primeira eliminação restaram 137 itens que constituíram a segunda planilha do projeto.

Mesmo assim, após o início das leituras, verificou-se que alguns trabalhos não se encaixavam no recorte, ou porque o resumo parecia indicar uso de entrevistas, mas o trabalho em si não as continha, ou porque não tratavam das migrações do Nordeste ao Sudeste, mesmo que inicialmente dessem essa impressão. Por fim, do enorme levantamento bibliográfico que foi feito, 74 itens estavam aptos à análise proposta neste projeto (por cumprirem rigorosamente os critérios do recorte), compondo eles a terceira e a definitiva planilha deste estudo.

Ficamos, portanto, com mais de uma planilha: uma primeira que incluía todos os itens que apareceram no levantamento bibliográfico (205); a segunda, que incluía itens ampliados como, por exemplo, pesquisas sobre o norte de Minas Gerais (137); e a terceira, que, finalmente, ficou somente com as migrações do Nordeste para o Sudeste com o uso de entrevistas (74), com todas as publicações adequadas ao recorte.

É importante ressaltar que não havia como fazer toda essa exclusão já no levantamento bibliográfico inicial. Foi necessário ler todos os resumos e, em vários casos, ler o trabalho completo. Só foi possível chegarmos ao resultado da última planilha (adequada ao recorte proposto) passando por esse processo de depuração dos dados iniciais.

Analisando-se a segunda planilha (com 137 itens, a que ainda incluía alguns itens que não usavam entrevistas), conseguimos observar a quantidade de produção por década sobre migrações do Nordeste para o Sudeste. Observamos um aumento de trabalhos, a partir dos anos 1980, intensificando-se significativamente nos anos 1990.

Anteriormente aos anos 1980, a produção pode ser considerada insignificante, beirando 1% por década (0,7% nos anos 1920 e 0,7% na década de 1950). Os anos 1980 produziram 11,7% das pesquisas analisadas e a década de 1990 chegou a 29,2%. Já nos anos 2000, encontramos 28,5% das pesquisas da planilha (de 137 itens) e, nos anos 2010, 29,2%, o que caracteriza uma estabilidade na produtividade de pesquisas sobre o tema, a partir dos anos 1990:

PRODUÇÃO POR DÉCADA, MIGRAÇÕES DO NORDESTE PARA O SUDESTE
(tabela com 137 itens)

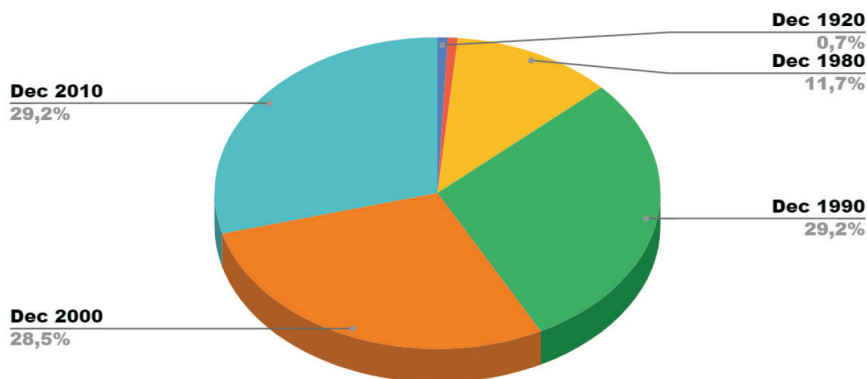


Gráfico 1²

Esse aumento considerável de pesquisas sobre migrações do Nordeste para o Sudeste, desde a década de 1980, coincide com uma mudança nos interesses dos estudos migratórios no Brasil, antes voltados principalmente às imigrações (de europeus e asiáticos para o Brasil), e com a transformação do perfil migratório do país: passamos de receptores de imigrantes a um local de emigração. Talvez esse processo tenha sensibilizado os pesquisadores para outras possibilidades migratórias, destacando-se as migrações internas.¹³ Mais à frente, quando observarmos a produção por décadas (Gráfico 3) e por região, a importância da década de 1980 para esses estudos se confirmará.

Ao analisarmos a produção por década, mas partindo especificamente da planilha final (aquela com 74 itens adequados ao recorte), podemos observar que há relação entre uso de entrevistas e a produção por década:

¹² Agradeço a Vanessa Barbosa de Magalhães e ao Rogério Monteiro de Siqueira pela ajuda na confecção dos gráficos.

¹³ Temos que destacar, entretanto, que na pesquisa bibliográfica que fizemos não estávamos buscando trabalhos que usassem métodos alheios às entrevistas. Desse modo, a produção por década aqui apresentada não pode responder por pesquisas sobre essas migrações em um escopo metodológico mais amplo, por exemplo, no campo da demografia, até porque já havia trabalhos nessa área desde a década de 1950, ainda que incipientes.

PRODUÇÃO POR DÉCADA, MIGRAÇÕES DO NORDESTE PARA O SUDESTE COM O USO DE ENTREVISTAS

(tabela com 74 itens)

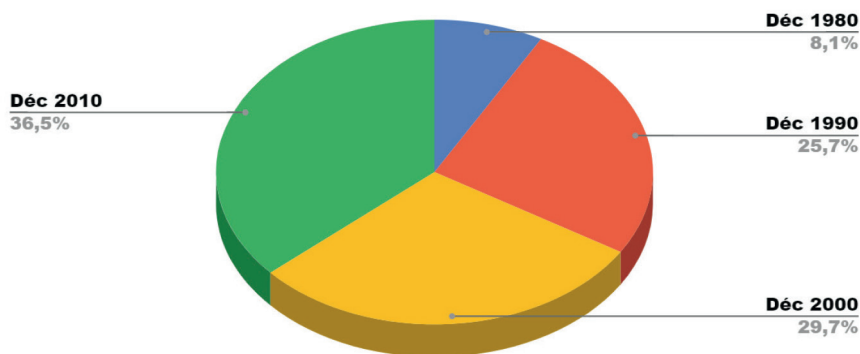


Gráfico 2

Com relação aos trabalhos de migrações do Nordeste para o Sudeste que especificamente usaram entrevistas, observamos um aumento gradual do uso do método iniciado na década de 1980 (com 8,1% da produção que saltou para 36,5% nos anos 2010), sendo que os anos 1990 parecem ter de fato consolidado a história oral como uma ferramenta importante para esses estudos. Antes da década de 1980, não foram encontrados estudos sobre esse tema que tivessem usado entrevistas.¹⁴

A maior parte dos trabalhos sobre migrações do Nordeste para o Sudeste usando história oral ou outros tipos de entrevistas (36,5%) foi produzida na década de 2010. Em segundo lugar, temos a década de 2000 (29,7%). Os anos 1990 contam 25,7% dessa produção e os anos 1980 contam 8,1%.

O aumento do uso de entrevistas nos estudos sobre migrações do Nordeste para o Sudeste, na década de 1980, se explica porque foi quando a própria história oral começou a se firmar como um método frequente nas Ciências Humanas no Brasil.

Tendo sido impulsionada pela criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) do Rio de Janeiro, em 1975, a história oral cresceu e passou a discutir sistematicamente aspectos teórico-metodológicos. Em 1994, seus pesquisadores, juntamente a outros de origem de fora do CPDOC, fundariam a Associação Brasileira de História Oral (ABHO). A relação entre a história

¹⁴ Não foram encontrados trabalhos que usassem entrevistas ou não conseguimos ter acesso aos textos impressos levantados sobre o tema, publicados anteriormente à década de 1980, para verificar todas as fontes de pesquisa utilizadas. De qualquer modo, as publicações encontradas desse período foram pouquíssimas, a maioria de natureza demográfica.

da história oral no Brasil e o uso de entrevistas nos estudos migratórios brasileiros parece clara. Inclusive, o mesmo foi observado em estudo anterior sobre o uso de entrevistas nos trabalhos de migrações internacionais de e para o Brasil¹⁵ (Magalhães; Santhiago, 2015).

O *status* adquirido pela história oral, após os anos 1980, relacionava-se a um processo anterior de questionamento de posturas positivistas na História, influenciado pela vertente da História do Tempo Presente, e também a um contexto político de repressão da Ditadura Militar. A história oral apresentava-se então como uma forma de unir a luta política à atuação acadêmica. Faz sentido que os primeiros estudos com entrevistas sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste tenham aparecido a partir da década de 1980 e que tenham aumentado aos poucos, coincidindo com a legitimação da história oral como método de pesquisa, com o aumento dos estudos migratórios no Brasil e com a consolidação de importantes grupos de pesquisa nesse campo.

O aumento considerável desses trabalhos nas décadas seguintes aos anos 1980 se deveu à formação e perpetuação das técnicas e métodos de entrevistas por pesquisadores e grupos de pesquisa que se estabeleceram nos estudos das migrações, a partir dos anos 1990. Foram os casos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo (CERU/USP), do grupo Terra, Trabalho, Memória, Migração da Universidade da Universidade Federal de São Carlos (Trama/UFSCar), do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), da chegada de Marilda Menezes, em 1991. Essas percepções foram confirmadas nos relatos dos acadêmicos entrevistados, como veremos mais à frente.

Quanto à origem regional da produção (observada na planilha final, com 74 itens), procurou-se identificar a vinculação institucional de cada autor das publicações (Sudeste ou Nordeste).

Os dados revelaram uma disparidade regional na produção sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste que usaram entrevistas: 72% dos trabalhos foram produzidos no Sudeste, enquanto apenas 28% ocorreram no Nordeste. Em parte, esses resultados podem ser explicados pela predominância de pesquisadores e publicações de história oral no Sudeste, com grupos de pesquisa há muito consolidados (como o Núcleo de Estudos Em História Oral (NEHO/USP), e os já referidos CERU/USP e CPDOC/FGV). Mas também porque há estudiosos importantes nos estudos do trabalho rural nas universidades paulistas – UFSCar, USP e Universidade Estadual Paulista (Unesp) – que foram compelidos aos estudos das migrações internas, tendo em vista que a mão de obra do trabalho rural paulista é quase toda migrante. Não por acaso, uma das mais conhecidas estudiosas das migrações internas no Brasil é justamente a professora Maria Aparecida de Moraes Silva, da UFSCar. O Nordeste concentra, por outro lado, grupos

¹⁵ Projeto: *História Oral e Imigração: abordagem histórico-crítica da produção brasileira*. Coordenadora: Valéria Barbosa de Magalhães. Vigência: 2010-2012. Financiamento: CNPq.

importantes de demografia que estudam as migrações internas, como a Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN), grupo do professor Ricardo Ojima, e a Fundação Joaquim Nabuco, com o professor Wilson Fusco, mas este projeto não contemplou essa vertente demográfica.

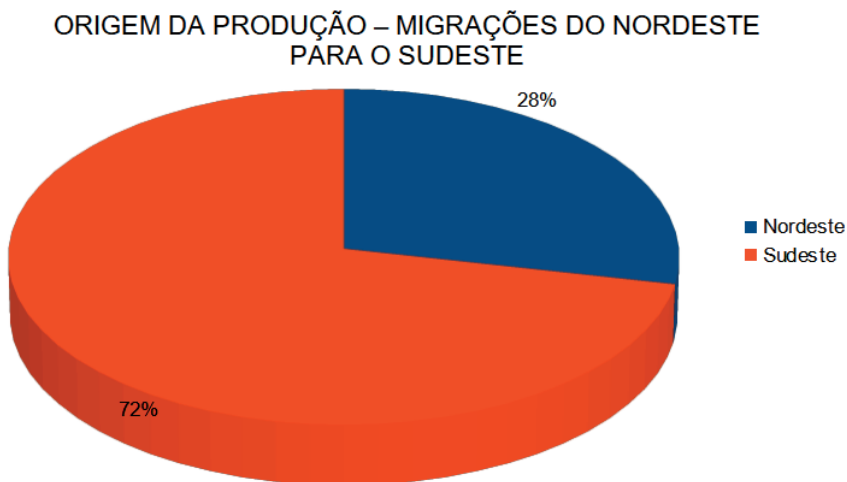


Gráfico 3

Os 28% dessa produção que foram encontrados no Nordeste estão associados a pesquisadores como Marilda Menezes (que agrega a maior parte dessa produção), Marcelo Carneiro, Flávia Moura, Telma Bessa Sales, Rejane Lyra e Ely Estrela.¹⁶

Cruzando-se as variáveis dos dois gráficos anteriores (produção por década com origem regional da produção) temos o seguinte cenário:

TABELA: PRODUÇÃO REGIONAL POR DÉCADA:

DÉCADA	NE	SE
1980	9,5%	7,5%
1990	23,8%	26,4%
2000	28,6%	30,2%
2010	38,1%	35,8%

¹⁶ Alguns deles foram entrevistados para esta pesquisa. Trataremos disso na próxima seção.

Os dados por região e década nos mostram que a produção sobre migrações do Nordeste para o Sudeste com uso de entrevistas cresceu em ambas as regiões, entre 1980 e a década de 2010. No Nordeste, houve um salto de 9,5% de estudos nos anos 1980 para 38,1% na década de 2010. No Sudeste, esse salto foi de 7,5% para 35,8%. A evolução da produção do Sudeste foi mais suave, enquanto a produção do Nordeste teve um salto maior, a partir dos anos 2000, mas é evidente o crescimento desse tipo de pesquisas em ambos os locais.

A visualização em gráfico dos dados da tabela acima revela a seguinte evolução:

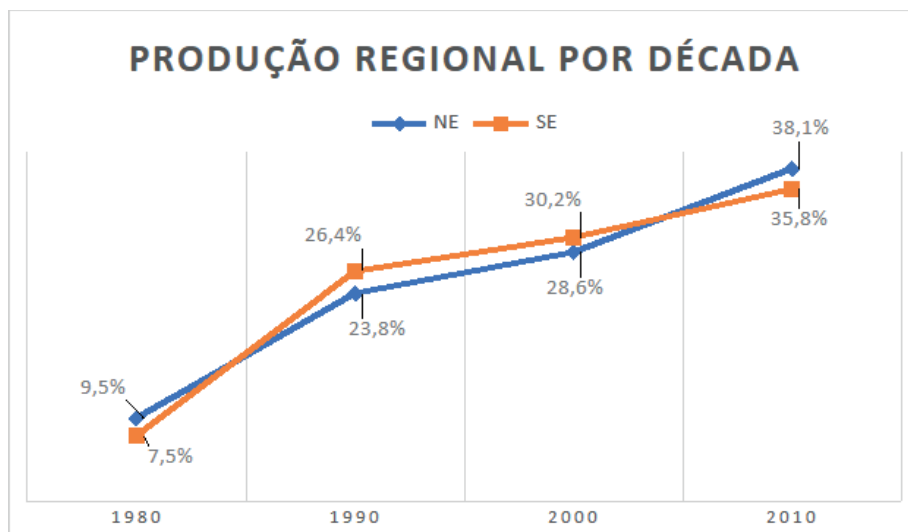


Gráfico 4

O interesse dos estudiosos pelas migrações do Nordeste para o Sudeste tem aumentado progressivamente, mesmo que as migrações tenham diminuído ou se estabilizado em alguns períodos recentes da história brasileira, desde os anos 2000. Nada que se compare, porém, ao crescente interesse da academia de nosso país pelas imigrações internacionais, como constatamos em trabalho de pesquisa anterior (Magalhães; Santhiago, 2015), quando foram computados mais de cinco mil itens que estudavam imigrações com o uso de entrevistas.

Ainda sobre as regiões de produção, foi possível perceber uma predominância de estudos nos seguintes estados do Nordeste: Maranhão, Pernambuco, Ceará e Bahia. Em outros, como o Rio Grande do Norte, há estudos sobre migração de/para/entre o Nordeste, mas de perfil demográfico.

O crescimento do interesse pelas migrações do Nordeste para o Sudeste com o uso de entrevistas certamente se deve ao esforço dos pesquisadores pioneiros nessa abordagem

e que vêm formando inúmeros discípulos em seus grupos de pesquisa e universidades, como se poderá constatar na análise das entrevistas, mais à frente. O papel desses orientadores na constituição de um campo de estudos específico, e com metodologia própria de entrevistas, ficou evidente nos dados levantados neste projeto, em especial na análise das narrativas dos pesquisadores ouvidos.

Sobre os textos analisados no projeto

Após o levantamento da bibliografia correspondente ao recorte do projeto, foi organizada uma nova planilha com dados remissivos das publicações que tivessem indicado o uso de entrevistas nos seus resumos. O preenchimento obedeceu a critérios pré-estabelecidos. O objetivo foi facilitar a localização de metodologia nos artigos, visando uma análise qualitativa posterior.

Na planilha detalhada sobre as publicações, preenchida em grande parte pelas bolsistas do projeto,¹⁷ cada vez que um dos critérios de análise aparecia no artigo, monografia ou capítulo, era anotada a informação de sua página. Dados como dos autores citados também eram indicados. Foram avaliados 23 artigos, segundo os critérios desse quadro, escolhidos de maneira a contemplar a produção de ambas as regiões.

Após esse processo, alguns trabalhos que usaram entrevistas foram selecionados para uma leitura mais detalhada e deles foi feita uma avaliação qualitativa. Neste artigo, serão descritas primeiramente as características gerais das entrevistas usadas em nove publicações, dentre as 23 destrinchadas na planilha. Alguns dos textos são de autoria dos pesquisadores aqui entrevistados. Em seguida, será feita a análise qualitativa detalhada da metodologia usada em dois trabalhos na íntegra, selecionados a partir da planilha citada acima.¹⁸

Parte da produção analisada utilizou entrevistas dentro do método etnográfico. A tese de doutorado de Lima (2012), por exemplo, é assumidamente etnográfica. São utilizados trechos de entrevistas em diversos momentos, como base para a análise. Não há menção aos critérios de uso das entrevistas. Termos como “subjetividade”, “narrativas” e “memória” são acionados em diversos momentos da tese. Como ele, o trabalho etnográfico de Rigamonte (1999) também foi feito no campo da Antropologia urbana. O texto cita alguns trechos de entrevistas, mas não há menção sobre como

¹⁷ Participaram deste projeto as bolsistas: Aline Campos dos Reis (Bolsa TT Fapesp) e Andrea Moreira de Santana (Bolsa IC/PUB/USP).

¹⁸ Devido aos limites deste artigo, não apresentaremos a análise do uso de entrevistas em todas as publicações contempladas no projeto, apenas de parte delas escolhida pela conveniência de acesso aos textos integrais. Uma análise do conjunto das obras trabalhadas na planilha poderá ser feita em futuras publicações da autora.

foram feitas, não sendo possível identificarmos sua tipologia. Apenas sabemos que são entrevistas feitas no âmbito das práticas etnográficas.

Quanto à nomenclatura atribuída ao modelo de entrevista utilizado, encontrou-se uma variedade enorme. Essas denominações nem sempre seguem aquelas usadas por autores da história oral (como “história de vida”, “entrevista temática”, “depoimentos” e outras). A dissertação de Maciel (2012), por exemplo, utilizou o termo “entrevistas semiestruturadas” e, quanto à abordagem do entrevistado, utilizou um roteiro temático. Ela também mencionou o uso de histórias de vida inspiradas em Mintz e Bourdieu (*apud* MACIEL, 2012). A autora fez uma aproximação entre a história oral (citando Thompson) e o método de trajetória de vida de Bourdieu.

Por outro lado, a tese de Nogueira (2010) acionou termos como informantes e interlocutores para designar os entrevistados. Trata-se de um trabalho etnográfico. As entrevistas foram gravadas e o autor dispôs no texto os resumos das trajetórias dos entrevistados com seus nomes reais e usando trechos de entrevistas com suas perguntas e respostas. Não foram citados autores de história oral ou de outro método de entrevistas.

No caso da dissertação de Nunes (2015), os relatos foram denominados de “entrevistas narrativas individuais” e o termo narrativa é usado com frequência. A autora cita Minayo (2010) como referência sobre o uso de entrevistas. Com os trabalhadores rurais, a pesquisadora usou um questionário inicial e os objetivos do trabalho eram explicados ao entrevistado, antes da entrevista. Foi usado o gravador e as falas foram transcritas. Há diversos trechos de entrevistas no texto.

A dissertação de mestrado de Pinheiro (2013) utilizou as entrevistas semiestruturadas, “com perguntas abertas e fechadas”, e consta que foram realizadas conversas informais com alguns sujeitos da pesquisa, com o uso de diário de campo. O texto dispõe de alguns trechos das narrativas, além de gráficos para estruturar os dados das entrevistas abertas.

Silva (2009) denominou as suas entrevistas de histórias de vida e de trajetórias de vida, fazendo o que chamou de análise de histórias de vida, mas não citou autores de história oral. O autor usou trechos de entrevistas no texto e as analisou individualmente, entrevistado por entrevistado.

Alguns autores não discutem o processo de entrevistas nas publicações analisadas, especialmente nos casos de artigos, provavelmente devido às limitações desse tipo de publicação. No caso do artigo de Damergian (2009), há o uso de entrevistas, mas sem menção de quantas foram, quando foram feitas e o tipo de técnica utilizada. No texto, são apresentados trechos das narrativas, um em seguida do outro, sem comentários ou análise entre eles. Os nomes dos entrevistados são substituídos por números, sem explícita motivação para essa escolha. Ao reproduzir trechos dos relatos, a autora caricaturou as falas das crianças migrantes, ao passo que usou a norma formal da língua para crianças não nordestinas.

Por último, outro exemplo de texto que não apresenta ou não discute os

procedimentos de entrevistas é o de Souza (2015). O autor fez entrevistas individuais e em grupo sobre trajetórias migrantes, não havendo explicação sobre o tipo de entrevista usado. A tese apresenta um quadro com dados gerais das entrevistas, não havendo análise do conteúdo subjetivo dos relatos.

Passaremos agora à análise qualitativa detalhada de duas publicações. Optou-se por dois textos que não tivessem sido escritos pelos entrevistados do projeto, de modo a diversificarmos a apresentação de diferentes pesquisadores.

No artigo *Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno*, de 2005, Rejane Lyra abordou as redes sociais e as migrações de retorno a Pernambuco, entre os anos 1970 e 2000, tendo constatado o que chamou de reversibilidade do retorno, pois a migração para São Paulo sempre se repetia. Esse movimento de ida e vinda acontecia em ônibus clandestinos na rota Caruaru-São Paulo-Foz do Iguaçu, em um movimento de circularidade de pessoas e mercadorias, particularmente de tecidos.

No artigo, Lyra usa como fonte os dados estatísticos do IBGE, além de reportagens e entrevistas com comerciantes e com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Ela não explica quais foram os procedimentos técnicos metodológicos seguidos nas suas entrevistas, mas cita dois trechos de relatos e descreve seu conteúdo de forma indireta (em terceira pessoa). Detalhes sobre os entrevistados, como idade e profissão, são mencionados. Foram apresentados os nomes dos narradores e também o termo “depoimento” para designar as entrevistas. Não há menção de bibliografia referente à metodologia de entrevistas utilizada.

O texto de Lyra representa um estilo técnico comum a várias obras que foram analisadas neste projeto, que seria o uso de entrevistas sem uma reflexão metodológica sobre elas. Por outro lado, temos que considerar que parte da bibliografia aqui analisada foi composta de artigos, muitos deles com recorte bem específico e com pouco espaço para o avanço em discussões de método. Talvez os mesmos autores tenham feito alguma reflexão metodológica densa em outros trabalhos mais completos, aos quais não tivemos acesso nesta fase da pesquisa. Sabemos, por outro lado, que pesquisas que usam métodos que têm debates teórico-metodológicos consolidados, como a história oral, geralmente discutem os procedimentos de pesquisa em seus artigos, tendo em vista que as escolhas metodológicas explicam os resultados obtidos. Podemos supor, então, que os pesquisadores em questão não chegaram a fazer um debate mais aprofundado sobre entrevistas nas suas publicações porque não se basearam no método da história oral.

No caso do artigo a seguir, ao contrário, a discussão de história oral e do uso de entrevistas se apresenta de forma densa (consideremos, entretanto, que se trata de uma tese completa, não de um artigo, mas o fato de haver a explicitação do uso da história oral independe do tipo de publicação e é comum aos autores que usam o método).

No trabalho *Canudenses na cidade de São Paulo: memórias e experiências (1950-2000)*, de 2006, Telma Bessa Sales analisa a presença de canudenses em São Paulo pela perspectiva do sujeito na cidade e de como eles narram suas experiências. A autora

assume claramente o uso do método da história oral, tendo por eixo os trabalhos de Yara Maria Aun Khoury e do Núcleo de Estudos Culturais (NEC), da PUC de São Paulo, no que tange à relação entre memória e história. Portanto, o conceito de memória é central na análise de seus relatos e na compreensão das narrativas dos sujeitos da pesquisa. O termo “História Oral” é grafado com iniciais maiúsculas, o que é um indicativo de entendimento da história oral mais como uma disciplina do que um método, como defende José Carlos Meihy,¹⁹ por exemplo. O trabalho contou com o relato de trajetórias de oito entrevistados.

Os autores de história oral e memória por ela citados são: Alessandro Portelli, Ecléa Bosi, Luisa Passerini, Pierre Nora e Marieta Ferreira. Na dissertação, são apresentados vários trechos de entrevistas, alguns bem longos, incluindo as perguntas da entrevistadora. É informado o primeiro nome e a idade de cada entrevistado, além de alguns dados adicionais.

Trata-se, assim, de um doutorado que utiliza e discute a história oral pelo viés da memória e ligado ao NEC da PUC/SP, coordenado por Yara Khoury, pesquisadora influenciada pelo trabalho de Alessandro Portelli. Podemos dizer que o texto de Telma Bessa é de inspiração “portelliana” (autor que ela inclusive usa em outros de seus trabalhos).

Há, portanto, duas tendências no uso de entrevistas nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: uma que é de utilizá-las apenas como uma técnica na obtenção de informações em profundidade; e outra que é identificada com o método de história oral, pressupondo um debate teórico-metodológico amplo sobre a memória e sobre as técnicas de entrevistas.

Nas narrativas analisadas a seguir, veremos que as trajetórias de alguns pesquisadores oscilaram entre esses dois polos, sendo que algumas das experiências foram iniciadas intuitivamente na prática de entrevistar e evoluíram depois para as reflexões metodológicas mais amplas.

Entrevistas: trajetórias dos pesquisadores das migrações com a história oral

Este trabalho realizou 14 entrevistas, sendo duas delas no exterior. O projeto inicial previa a execução de apenas quatro delas com pesquisadores das migrações do Nordeste para o Sudeste que tivessem utilizado história oral. Entretanto, conforme o levantamento bibliográfico foi evoluindo, importantes autores foram descobertos e contatados. Nessas aproximações, fui negociando a possibilidade de entrevistá-los. Suas histórias com o uso

¹⁹ Ver a entrevista concedida por Meihy a Mariano (2020) e também a produção acadêmica de Meihy sobre história oral.

de entrevistas e da história oral dentro das universidades iam se mostrando únicas, de modo que seus relatos não poderiam ser ignorados.

Conforme a pesquisa avançou, decidiu-se entrevistar todos os pesquisadores contatados porque eles poderiam explicar, por meio de suas trajetórias, como tinham chegado à história oral e ao tema das migrações e quais as técnicas de entrevista que usavam, quais os autores que tinham estudado e lido, além de aspectos puramente técnicos de seus trabalhos.

Aprofundando os achados da análise anterior das publicações, as entrevistas permitiram entender os percursos e os movimentos subjetivos que conduziram cada um dos pesquisadores à sua atual forma de uso das entrevistas nos estudos das migrações internas. Assim, foi possível identificar redes de formação de novos estudiosos e de grupos de pesquisa na conformação do campo estudado.

Na rede de entrevistados, duas estudiosas destacaram-se como formadoras de novos pesquisadores de história oral nos estudos das migrações internas no Brasil: Maria Aparecida de Moraes Silva, que orientou vários alunos na UFSCar em São Paulo, e Marilda Menezes, também inspiradora de vários trabalhos com história oral na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Ambas participaram ativamente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e desenvolveram técnicas próprias para o trabalho de campo com entrevistas.

O grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) aproximou-se das entrevistas de maneira mais intuitiva, a partir de livros de metodologia, citando, por exemplo, a autora Minayo (2010). Em suas pesquisas, esse método foi fundamental para todo o trabalho de campo sobre migrantes, conflitos de terra e trabalho escravo. Os professores Marcelo Carneiro e Flávia Moura ensinaram sobre a utilização de entrevistas aos seus orientandos. Com práticas semelhantes às técnicas da história oral, os relatos tornaram-se o centro das fontes utilizadas nos seus trabalhos. Técnicas como o uso de gravador, perguntas abertas e transcrições constituem parte de suas investigações.

Ainda no Nordeste, Marcelo Saturnino, Polyana Ferreira e Danielle Príncipe iniciaram seus trabalhos com entrevistas baseadas em autores de livros de metodologia em geral. Entretanto, a história oral influenciou seus trabalhos porque Marcelo Saturnino foi aluno de Marilda Menezes, e Polyana e Danielle foram alunas de Saturnino. Seus relatos revelaram a influência de Menezes em seu modo de fazer entrevistas.

No caso de Thiago Romeu de Souza, professor da UFCG, seu doutorado e também graduação foram na área de Geografia, com orientadores pouco afeitos aos estudos da subjetividade. Após leituras de pensadores como Foucault e do contato com a professora Marilda Menezes, ele passou a dar uma maior atenção ao sujeito migrante. Foi aí que as entrevistas passaram a compor suas práticas de pesquisa. O conceito de memória foi importante para essa aproximação.

Outros pesquisadores do Sudeste, tais como Paulo Fontes e Lidiane Maciel, se inspiraram em leituras da história oral e em experiências anteriores nas universidades

de origem, tendo tido contato com grupos de pesquisa importantes na área, tais como CERU da USP e CPDOC da FGV. Esses estudiosos leram autores como Marieta de Moraes, José Carlos Meihy e Verena Alberti.

Quanto às entrevistas internacionais com Ronald Grele e Julie May, a ênfase foi na constituição de acervos de história oral de imigrantes, prática bastante desenvolvida nos Estados Unidos, especialmente em Nova York.²⁰

As entrevistas com os pesquisadores brasileiros abordaram diversos temas, entre eles: trajetória do pesquisador com as entrevistas, aspectos técnicos do uso de entrevistas e autores lidos, importância das entrevistas para os estudos migratórios.

Considerando-se a riqueza dos relatos, para os limites deste artigo escolheu-se abordar apenas as trajetórias dos entrevistados. Outros temas serão explorados em publicações futuras. As próprias entrevistas serão publicadas em breve, algumas delas trazem experiências de pesquisa e indicações técnico-metodológicas inéditas sobre pesquisadores que são hoje referência para a própria formação de outros estudiosos na área das migrações.

Um aspecto interessante das entrevistas foi que no momento da interlocução com a entrevistadora, alguns acadêmicos se deram conta de que tinham uma sólida trajetória metodológica. Inclusive, alguns deles tinham sólida experiência com o método, como Paulo Fontes e Marilda Menezes, mas disseram que ainda não haviam pensado em publicar sobre as suas experiências com as entrevistas.

Lidiane Maciel,²¹ por exemplo, nunca tinha refletido sobre a experiência com o método:

Então, Valéria, eu acho que é interessante essa sua pergunta porque a gente nunca para pra pensar... Da maneira que a gente vai fazendo as coisas... Na verdade eu sempre fiz trabalhos que tinham um teor empírico, desde a iniciação científica. Desde 2005 que eu trabalho com entrevistas. Então, inicialmente sou formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. (Lidiane Maciel, 2019).

Como outros pesquisadores, Lidiane fez suas primeiras entrevistas em atividades de campo na graduação, com a professora Maria Inês Rauter Mancuso, que integrou o CERU da USP, tradicionalmente voltado às questões da história oral e fundado por Maria Izaura Pereira de Queirós. Lidiane foi se interessando pelo sujeito desde a iniciação científica, tendo sido influenciada pelas leituras de Maria Aparecida de Moraes Silva. Ela foi auxiliar de pesquisa do grupo da demógrafa Rosana Baeninger,

²⁰ Ambas as entrevistas já estão publicadas: MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Entrevista com Ronald Grele: considerações sobre história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45. p. 559-573, 2000. MAGALHAES, Valéria Barbosa de. Interview With Julie I. May. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 612-622, dez. 2021 .

²¹ Neste artigo, todos os entrevistados serão identificados por serem eles pesquisadores importantes no campo das migrações e para valorizar sua experiência como pesquisadores. Além disso, todos eles autorizaram formalmente a publicação identificada de seus relatos.

na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO) –, no qual fazia transcrições de entrevistas, denominando-as de “entrevistas etnográficas”. Posteriormente, manteve esse modo de entrevistar no trabalho no Centro de Estudos Rurais (CERES/Unicamp), sendo ela uma das únicas pesquisadoras que usava entrevistas em profundidade. No mestrado, estudou mais sobre entrevistas na disciplina de Metodologia de Pesquisa. Lidiane ainda hoje usa as entrevistas etnográficas.

Paulo Fontes, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também fez reflexões inéditas sobre sua experiência com o método. A história oral pode estimular nos entrevistados uma percepção estruturada de suas trajetórias e isso aconteceu neste projeto quando alguns dos narradores puderam perceber que tinham um modo próprio e sistemático de trabalhar com as entrevistas.

O começo intuitivo e o apreço pelo sujeito nas escolhas metodológicas foram se mostrando importantes em trajetória de Paulo Fontes com a história oral:

Meu orientador teve um papel nisso, não lembro exatamente as coisas que ele me indicou, mas certamente teve porque ele é uma pessoa que eu ouvia muito. Como disse, teve uma coisa muito intuitiva e eu não esperei ler teoricamente sobre história oral para ir fazer as entrevistas, eu tinha acesso às pessoas, a rede de pessoas já estava formada, tinha o fato de trabalhar no sindicato, então isso me aproximava deles porque sabiam quem eu era. Isso facilitou na verdade a montagem da rede. E aí comecei a entrevistar. Nas entrevistas, acho que tem uma coisa talvez pessoal, meio intuitiva. Falo de gostar de ouvir e saber ouvir, apesar de eu não ter lido nada, acho que tinha uma certa propensão minha para gostar de ouvir as histórias e isso facilitou em um primeiro momento. Mas eu mesmo sentia que era há pouco, me sentia inseguro em relação a isso, e aí acho que foi nesse momento que fui procurar as coisas que tinha no Brasil, nos anos 90. Acho que já tinha o manual da Verena, eu tinha sido aluno do Sebe,²² sabia que ele mexia com isso. Apesar de ter essas coisas todas, confesso que elas foram boas para me dar segurança, mas não sei se necessariamente elas foram tão úteis de fato. Fazendo um doutorado sanduíche na Universidade de Manchester, entrei em contato mais formalmente com uma literatura de história oral, os italianos, então basicamente a Passerini e o Portelli, que são muito conhecidos no Brasil hoje, mas naquela época estavam começando a ser. E outros: Alistair Thomson, que é um cara que mexe com migração, que é australiano, se eu não me engano. (Paulo Fontes, 2019).

Nesse percurso da intuição em ouvir o outro para as leituras em história oral, pesquisadores como Paulo Fontes e Maria Aparecida de Moraes Silva (docente da UFSCar) contribuíram para a constituição no Brasil de um campo de estudos das migrações internas a partir do uso de entrevistas. Pioneira nesta contribuição, Maria

²² José Carlos Sebe Bom Meihy.

Aparecida Silva começou a fazer entrevistas em seu mestrado, na França, mas sem uma preocupação metodológica específica. Então, foi se aproximando de um debate mais denso, desde sua inserção na ABHO, até constituir, de fato, um modo próprio de discussão e de prática com o método:

Logo depois, eu comecei a fazer parte de vários congressos, vários encontros da Associação de História Oral. Aqui no Brasil e também na Associação Internacional de História Oral. Essa metodologia da história oral foi, cada vez mais, sendo refinada. As entrevistas... Passei a trabalhar com trajetórias, com histórias de vida, com memórias. Com histórias, né? Quer dizer, realmente eu fui numa progressão. A metodologia da história oral é importante porque de acordo com o campo, você vai sentindo a necessidade de criação. Por exemplo, uma técnica que eu não tinha visto até então e que eu passei a utilizar foram as oficinas... (Maria Aparecida Silva, 2019).

Essas oficinas mencionadas por Maria Aparecida são uma particularidade de sua prática de entrevistas com trabalhadores rurais, caracterizando-se pelo estímulo da memória por meio do trabalho manual, isto é, enquanto eles trabalham (por exemplo, com argila), a pesquisadora vai perguntando – e gravando – sobre eventos de sua vida, sobre o que é lembrado dessa atividade que está praticando, de sua família,²³ etc.

A formação como entrevistadores foi se dando principalmente pelo contato com os entrevistados. Foi o caso de Marilda Menezes – professora aposentada da UFCG e atualmente vinculada à Universidade Federal do ABC (UFABC) – ao contar de suas primeiras entrevistas, as quais se tornaram um campo de reflexão em sua carreira:

No período do CEM [Centro de Estudos Migratórios da Missão Paz], eu tinha completado meu mestrado em 1985 e já estava no Centro de Estudos Migratórios, aí nós tivemos algumas atividades de pesquisa com entrevistas, ainda não era propriamente história oral, mas com entrevistas e histórias de vida. Tenho um conjunto de entrevistas que nós fizemos, cujo resultado parcial estava ligado a histórias de migrantes e quando você trabalha com o sujeito migrantes, mesmo que centralize em um momento específico, em uma temporada da vida deles ou de um movimento migratório específico, você não pode compreender isso sem associar a trajetória de vida dessas pessoas. Sempre fui muito entusiasmada, sempre fui dessa coisa de entrevistar, essa interação com as outras pessoas, sempre tive um envolvimento emocional muito forte com essas pessoas na hora de fazer entrevistas. (Marilda Menezes, 2019).

²³ Maria Aparecida publicou sobre essa técnica (MORAES SILVA, 2005). Uma versão deste texto pode ser encontrada nos anais do XXVIII Encontro Anpocs de 2004. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st04-4/3918-msilva-das-maos/file>. Acesso em: 17 maio 2022.

A relação entre as emoções do pesquisador, que também é um sujeito da entrevista, com o gosto por entrevistar é recorrente nos relatos e revela que a aproximação com o método se deveu a fatores que extrapolaram as puras oportunidades acadêmicas. Emoções são um componente discutido nos estudos de história oral, especialmente por Alessandro Portelli (1996). A citada vocação por ouvir histórias e o vínculo que é criado com os entrevistados têm sido elemento para que uma tradição conceitual do campo da história oral possa pensar a influência da relação afetiva entre entrevistador e entrevistado na constituição das lembranças. E também é argumento para que muitos autores defendam a devolução à comunidade do produto final do trabalho com as narrativas produzidas na academia.²⁴ Essas discussões teórico-metodológicas são visíveis nas experiências desses pesquisadores, que são também sujeitos do conhecimento produzido na academia.

Particularmente entre pesquisadores que lidam com o trabalho escravo e a violência no campo das migrações, a capacidade do entrevistador de conquistar a confiança do entrevistado e a disponibilidade para a escuta do sujeito foram decisivas para a aproximação com o método das entrevistas. Foi o caso, por exemplo, dos pesquisadores da UFMA.

Marcelo Carneiro, que estuda conflitos de terras na UFMA, identificou-se com o método de entrevistar devido à necessidade de entender as relações complexas no campo, sendo a confiança dos entrevistados fundamental para isto. Marcelo formou diversos orientandos que hoje utilizam entrevistas abertas em seus trabalhos, sempre combinadas com outras fontes. Marcelo tem familiaridade com a história oral e com a entrevista etnográfica. Sobre a confiança dos entrevistados, ele relatou:

E também de ganhar confiança porque eu lembro, isso foi uma coisa que eu tinha com Maristela, as primeiras vezes que eu fui pro trabalho de campo, o meu principal informante, que era uma liderança dessa ocupação de terra, a gente conversou, a gente passou um dia caminhando para chegar num município em um município que chama Buriticupu, até chegar à fazenda. E a gente falou coisas maravilhosas ao longo da viagem. Quando chego na casa dele e ligo o gravador, ele se posicionou, mas parecia que ele estava dando uma entrevista formal... (Marcelo Carneiro, 2019).

Marcelo foi orientador de Karlene e Andrea²⁵ (que já terminaram seus mestrados), com quem trabalhou em projetos conjuntos. Com ele, as duas aprenderam a usar entrevistas. Em suas narrativas foi possível identificar redes locais de formação de pesquisadores com o uso de entrevistas. Na longa convivência com os entrevistados e

²⁴ A ideia de devolutiva do trabalho de história oral é defendida no Brasil por diversos autores, incluindo Olga Von Simson (Von Simson; Giglio, 2001). Se considerarmos, por outro lado, o viés da história oral decolonial, o sentido da produção de histórias e do próprio conhecimento não está na devolução, mas na produção de saberes compartilhados (Francis et al., 2021).

²⁵ Karlene Marinho e Andrea Souza (2019).

no aprendizado, ambas adquiriram um sólido saber sobre a prática de entrevistar.

Flávia Moura é professora da UFMA e compartilha o grupo de pesquisas com Marcelo Carneiro. Sendo da área de Comunicação, Flávia teve contato com entrevistas logo cedo. Em seus estudos sobre o trabalho escravo a autora tem combinado entrevistas com a análise de mídia (Moura, 2016). Foi no mestrado em Sociologia, já no Maranhão, que teve aulas de metodologia e pode perceber que havia discussões sistematizadas sobre o método de entrevistas. Ao começar a usar um método mais estruturado, percebeu a dificuldade em se fazer confiar por trabalhadores em situação de risco:

Nessa época, Codó começou a aparecer e eu acabei indo nessa fiscalização, que foi a primeira fiscalização regional que teve aqui do extinto Ministério do Trabalho e que foram resgatados mais de trinta trabalhadores nessa fazenda de gado. E eu fui durante o resgate, quando os auditores-fiscais estão lá entrevistando os trabalhadores para retirem o seguro-desemprego, eu fiquei observando. Depois que eles faziam o trabalho deles, eu chegava e me apresentava: “eu sou Flávia, sou pesquisadora, estou fazendo um trabalho e tal, e eu queria o seu contato se possível, pra depois eu voltar pra sua casa”. [...] Eu estava ali, então não confiava, mas desse grupo grande eu fiz contato com quinze e no final eu consegui acompanhar quatro famílias. Nesse acompanhamento, daí sim, fiz uma sistematização de observação. [...] Às vezes, quando dava eu ficava na casa das pessoas, mas como é um grupo muito vulnerável e muito pobre, às vezes tinha algumas adversidades do campo e eu achava melhor não ficar porque eles mesmos não se sentiam bem. Então teve isso e durante esse tempo, daí sim, eu tive momentos que eu ia pra roça com eles, tinha um convívio pra entender um pouco, a questão da pesquisa era entender em que momento eles caíam no trabalho escravo, né? Se via que eles eram trabalhadores rurais tentando sobreviver e, em algum momento, eles eram chamados pra esse trabalho que teve toda uma legislação brasileira que chamou de escravidão moderna. (Flávia Moura, 2019).

Devido à vulnerabilidade do fenômeno pesquisado, esse grupo de pesquisadores do Maranhão precisou associar entrevistas com a criação de intimidade com os narradores. A confiança mostrou-se um elemento central na técnica de entrevistar. Estar presente no dia a dia dos narradores, em suas casas, foi fundamental para o sucesso do trabalho.

Na UFCG, Marcelo Saturnino (que foi orientado por Marilda Menezes e que, por sua vez, foi professor das entrevistadas Polyana Ferreira e Danielle Príncipe) percebeu seu primeiro interesse pelas entrevistas no mestrado, por influência de Marilda. Foi quando se deu conta de que para entender como os jovens saíam de seus lugares de origem e iam cortar cana em São Paulo precisaria ouvir suas histórias de vida, as quais o fizeram compreender que os percursos desses trabalhadores estavam se entrecruzando nos diferentes tempos da migração e do retorno. Marcelo conduziu trabalhos longos e impactantes com entrevistas, como no doutorado, em que acompanhou as vidas dos entrevistados por mais de um ano. É uma experiência que retoma o tema da intimidade e da confiança com as quais o pesquisador precisa lidar:

Acompanhei, durante o doutorado, sujeitos que iam para São Paulo. Estive com esse pessoal aí durante o ano todo falando com eles. [...] Uma coisa que eu discutia com Marilda: com as entrevistas, eu não estava fazendo terapia, eu queria deixar isso muito claro. Eu sou pesquisador com outros papéis, eu não estava dando conselhos também. Mas, de repente, por exemplo, uma das entrevistas que eu fiz me tocou bastante: era uma menina jovem que morava com um cortador de cana no local de origem e era uma relação bastante sofrida. E aí eu faço a entrevista com ela e a entrevista demora. A entrevista são três momentos, a visita em três dias. E quando eu termino de entrevistá-la, desligo o gravador, ela diz para mim: “Eu estava pensando em me suicidar e esse espaço da fala, você não sabe o quanto foi isso importante pra mim”. (Marcelo Saturnino, 2019).

Como se vê pelos relatos, o processo da conquista da confiança faz parte do aprendizado de pesquisa. Tal discussão é corrente nos debates metodológicos e está presente nas práticas gerais de todos os entrevistadores, inclusive nos trabalhos desta autora com migrantes e imigrantes. Autores como Portelli (1996), Passerini (2002) e Patai (1987) trataram desses aspectos das emoções e dos traumas que a história oral tem que lidar e que foram sentidas, um pouco intuitivamente, pelos relatos dos pesquisadores, ao começarem a trabalhar com as narrativas.

A trajetória acadêmica de Marcelo Saturnino também é um dos exemplos de como se formam as redes de pesquisadores. Tendo sido professor das entrevistadas Polyana e Danielle,²⁶ Marcelo foi a inspiração do trabalho de ambas com o método de entrevistas. Danielle explicou que foi no trabalho de campo com migrantes no Sertão de Pajeú que as entrevistas começaram a chamar sua atenção. A mesma influência metodológica foi responsável pela formação de Polyana, que é da área de Saúde, cuja resistência às entrevistas em profundidade quase a fez desistir desse tipo de abordagem. Hoje, porém, ela cursa doutorado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e é adepta do método.

Esses dois grupos do Nordeste, no Maranhão e na Paraíba, evidenciam a formação das redes de ensino do método nos estudos das migrações internas com o uso de entrevistas. Uma rede iniciada com Marcelo Carneiro e Flávia Moura, no Maranhão, formou outros pesquisadores que perpetuaram essas técnicas de trabalho. Outra rede, influenciada e iniciada por Marilda Menezes, formou outros investigadores, que irradiaram o método por outros lugares, como na UFPE, com o professor Thiago Romeu. Ele é de São Paulo, mas se aproximou das entrevistas quando fez pós-graduação no Nordeste, sob influência de Marilda. Sua formação em Geografia o distanciava dos estudos do sujeito, pelos quais foi se interessando, na medida em que tentava entender as migrações:

Então essa ideia de contato com migrante, eu ouvia as histórias deles, isso passa a ser

²⁶ Danielle Príncipe e Polyana Ferreira (2019).

um método, né? E eu fiquei trabalhando aqui. A Marilda me pôs em contato com as diversas pessoas nesse ambiente da migração, porque a Marilda é uma pessoa que tinha realmente contatos, e aí eu fui conhecendo os trabalhos da Marilda durante o Doutorado, eu não tinha noção da importância dela. Conheci ela aqui como uma colega de trabalho, de repente eu fui vendo que ela tinha uma relevância muito grande no campo que eu trabalho, aí que eu fui ver os trabalhos dela... Aí inclusive foi bastante mencionada no meu trabalho e foi muito importante mesmo. (Thiago Romeu de Souza, 2019).

A centralidade de Marilda Menezes, de Marcelo Saturnino, de Flávia Moura e de Marcelo Carneiro, no Nordeste, e de Maria Aparecida Silva, no Sudeste, para o uso de depoimentos nos estudos das migrações internas está evidente na conexão de pesquisadores revelada pelas entrevistas. Outros pesquisadores ligados a grupos de estudos em história oral e imigração, especialmente em São Paulo, se aproximaram das entrevistas por caminhos diferentes, como nos casos de Paulo Fontes e de Lidiane Maciel.

A realização dessas 12 entrevistas no Brasil revelou importantes caminhos que os estudos sobre migrantes do Nordeste no Sudeste percorreram com o uso das entrevistas, em diferentes universidades e centros de pesquisa.

Outras conexões de formação de pesquisadores existem, mas não puderam ser descritas aqui porque não tive acesso aos pesquisadores, como nos casos de Telma Bessa e Ely Estrela, no Nordeste, e até mesmo de meu próprio trabalho junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP) na formação de novos pesquisadores. A análise da bibliografia levantada, porém, confirma a importância deles para o campo. A compreensão de suas trajetórias e das redes que formaram, entretanto, só seriam identificadas em novas entrevistas.

Considerações finais

Esta pesquisa entende a conceituação “migrantes nordestinos” como problemática. Isto porque o próprio “Nordeste” e a identidade nordestina são uma construção. Os fluxos migratórios a partir dessa região não coincidem com os seus limites regionais geopolíticos, pois são mais complicados do que isso. Entretanto, por razões de limites de tempo e recursos, nos limitamos a trabalhar com a produção que tratava do Nordeste seguindo a definição regional do IBGE. Pudemos constatar que os pesquisadores que estudam essas migrações trabalham também com múltiplas possibilidades migratórias de/para/entre o Nordeste e fora de seus limites. Por isso, em estudos futuros, buscaremos analisar estudos que usaram entrevistas nas migrações de um Nordeste ampliado.

Este artigo buscou discutir os resultados do projeto sobre o uso de entrevistas nos

estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste. Para isso, usou e combinou um leque amplo de fontes, que variaram desde os indicadores quantitativos, passando pela análise qualitativa da bibliografia levantada, até o uso de entrevistas com pesquisadores do campo. A combinação dessas fontes na análise permitiu que fosse traçado um panorama inédito da constituição de um campo de pesquisas específico sobre essas migrações, vinculado ao método analisado.

A análise quantitativa da produção mostrou que, de modo geral, houve um aumento considerável de pesquisas com esse perfil, desde a década de 1980 até os anos 2010. Esse aumento se refletiu tanto na produção acadêmica do Nordeste quanto do Sudeste, mas, apesar da evolução geral em ambos, a maior parte dos trabalhos ainda se concentra mais no Sudeste.

Quanto às publicações analisadas qualitativamente e às entrevistas feitas com pesquisadores, percebeu-se que há duas tendências no uso de entrevistas, que variam de seu uso mais intuitivo como técnica de obtenção de informações em profundidade, até uma produção identificada com o método de história oral e que sobre ela promove um debate teórico-metodológico amplo.

Foram encontrados oito grupos que trabalham com o método nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste. Esses grupos vêm formado novos pesquisadores no campo das migrações com o uso de entrevistas: 1) pesquisadores que derivam dos trabalhos de Marilda Menezes (Paraíba e UFABC); 2) grupo de Maria Aparecida Silva (na UFSCar); 3) grupo de Marcelo Saturnino (Pernambuco e Paraíba), que aliás foi orientado por Marilda Menezes; 4) pesquisadores do Sudeste (Paulo Fontes, no Rio, e eventuais orientados do Centro de Estudos Migratórios da Unicamp, como Lidianie Maciel); 5) orientandos da professora Ely Estrela (Bahia); 6) pesquisadores do Gephom/USP, orientado por Valéria Barbosa de Magalhães; 7) grupo da Telma Bessa Sales, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no Ceará; e 8) pesquisadores da UFMA, ligados aos professores Marcelo Carneiro e Flávia Moura.

Por fim, este estudo mostrou que a história oral nem sempre é o método que guia as entrevistas no campo das migrações do Nordeste para o Sudeste, mas que ela é um dos principais métodos que as conduzem. Como especificidade do uso do método nesses estudos, constatou-se que a sensibilidade dos pesquisadores em relação à fragilidade do migrante influenciou a sua formação como entrevistador: novas formas de abordagem do entrevistado e novas técnicas foram desenvolvidas por eles, intuitivamente ou não. Isto conduziu a novos tipos de diálogo: uso de artesanato durante a entrevista (no caso da Maria Aparecida Silva) ou inserir-se na casa dos narradores, em seu dia a dia, como fez Flávia Moura.

Este artigo descreveu, portanto, a formação de um campo de estudos sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste com o uso de entrevistas, revelando analiticamente as trajetórias de pesquisadores, a formação de grupos de pesquisa, a variação da produção por local e período e a caracterização das publicações na área. Desse modo, este estudo

torna-se uma contribuição para a história do conhecimento acadêmico no Brasil e uma referência para futuras investigações que queiram descrever e analisar criticamente os métodos de pesquisa em um determinado campo.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. *REMHU*, Brasília, v. 20, n. 39, p. 77-100, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 26 out. 2022.

BOSCARIOL, Renan. Região e regionalização no Brasil: uma análise segundo os resultados do Índice De Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). In: MARGUTI, Bárbara; COSTA, Marco; PINTO, Carlos (Org.). *Territórios em números: insumos para políticas públicas a partir da análise do IDHM e do IVS de municípios e Unidades da Federação brasileira*. Livro 1. Brasília: IPEA: INCT, 2017. p. 185-208 Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=30506&Itemid=1. Acesso em: 26 out. 2022.

CARVALHO, Ronaldo Valentim de; LIMA, Francisca Elisonete de Souza; SILVA, Rafael Pereira da. O programa um milhão de cisternas (P1MC): uma alternativa de convivência com o Semiárido na comunidade Agreste de Baixo/São Miguel/RN. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 18, n. 61, p. 136-149, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/34601>. Acesso em: 26 out. 2022.

DAMERGIAN, Sueli. Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 251-268, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200007. Acesso em: 26 out. 2022.

FRANCIS, Hilary *et al.* Decolonising Oral History: a conversation. *The Journal of the Historical Association*, v. 106, n. 370, p. 265-281, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-229X.13141>. Acesso em: 22 out. 2022.

KÜHN, Manfred. Peripheralization: theoretical concepts explaining socio-spatial inequalities. *European Planning Studies*, v. 23, n. 2. 367-378, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09654313.2013.862518>. Acesso em: 26 out. 2022.

LIMA, Greilson. *Quando o rio é a esperança: performance, invisibilidade e magnitude na experiência do emigrante nordestino*. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFPE, Recife, PE, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19123>. Acesso em: 26 out. 2022.

LYRA, Maria Rejane Souza de Britto. Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, p. 144-154, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sp/a/8V5rX3LTxwD6ZMT3B9rsjXv/?lang=pt#>. Acesso em: 22 out. 2022.

MACIEL, Lidiane. *O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações*

rurais-urbanas em São Carlos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2012.856444>. Acesso em: 26 out. 2022.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. A História Oral nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: relato de pesquisa. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 30, n. 1. p. 293-320, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158715>. Acesso em: 22 out. 2022.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na Zona Leste: memórias e redes de migrantes. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz, 2013. p. 227-258.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. *Travessia*, São Paulo, n. 76, ano XXVIII, p. 99-112, 2015. Disponível em: <https://revistatravessia.com.br/travessia/article/view/90>. Acesso em: 26 out. 2022.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. Japoneses, brasileiros e judeus: a História Oral nos estudos de imigração no Brasil. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 1. p. 481-510, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11804>. Acesso em: 26 out. 2022.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAÍSO, Marlucy Alves. Sons de Nordeste, invenções de gênero: o dispositivo pedagógico da nordestinidade e suas atualizações no forró eletrônico. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_92b1f29b6a71f8563fd4de79245ebef.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. “A memória é a matéria essencial das entrevistas”: Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 14, n. 3, p. 213-226, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28251/21874>. Acesso em: 26 out. 2022.

MELO, Maria das Neves; FUSCO, Wilson. Migrantes nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial. *Confins*, Paris, n. 40, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/19186>. Acesso em: 26 out. 2022.

MENEZES, Marilda Aparecida. Migration patterns of Paraíba peasants. *Latin American Perspectives*, v. 31, n. 2. p. 112-34, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3185027?seq=1>. Acesso em: 22 out. 2022.

MINAYO, Maria Cecília. Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. *Salud colectiva*, Lanús, v. 6, n. 3, p. 251-261. dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-82652010000300002#:text=Experiencia%2C%20viviencia%2C%20sentido%20com%20C3%BA%20ciencia%20de%20la%20investigaci%C3%B3n%20cualitativa. Acesso em: 26 out. 2022.

MORAES SILVA, Maria Aparecida. Das mãos à memória. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005. p. 295-315.

MOURA, Flávia. *Trabalho escravo e mídia: olhares de trabalhadores rurais maranhenses*. São Luís: EDUFMA, 2016.

NOGUEIRA, Verena Sevá. *Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Unicamp, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2010.774314>. Acesso em: 26 out. 2022.

NUNES, Danielle Milenne Príncipe. *O inferno verde: narrativas sobre risco, saúde e mortes nos canaviais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFPE, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25969>. Acesso em: 26 out. 2022.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. *Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente*. São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/19343>. Acesso em: 26 out. 2022.

PATAI, D. Ethical problems in personal narratives of personal narratives, or, who should eat the last piece of cake? *International Journal of Oral History*, Westport, v. 8, n. 1. p. 5-27, 1987. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ353084>. Acesso em: 26 out. 2022.

PASSERINI, Luisa. Vectors of memory: legacies of trauma in postwar Europe. *History Workshop Journal*, v. 54, n. 1. p. 258-260, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/hwj/54.1.258>. Acesso em: 26 out. 2022.

PINHEIRO, Nataly de Sousa. *Trabalhadores migrantes no corte da cana-de-açúcar: precarização e exploração do trabalho*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – UFPB, João Pessoa, PB, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7218/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2. p. 59-72, 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

RIGAMONTE, Rosane Cristina. A Praça Silvio Romero: a “tradição”. *Travessia*, São Paulo, n. 35, p. 3-42, 1999. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/733>. Acesso em: 26 out. 2022.

SALES, Telma Bessa. *Canudenses na cidade de São Paulo: memórias e experiências (1950-2000)*. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12903>. Acesso em: 26 out. 2022.

SILVA, Uvanderon Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27082009-162742/pt-br.php>. Acesso em: 26 out. 2022.

SOUZA, Thiago Romeu de. *Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – UFPE, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16966>. Acesso em: 26 out. 2023.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: Edufba, 2011.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; GIGLIO, Zula. A arte de recriar o passado: História Oral e velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento:*

perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001. p. 141-160.

Fontes orais

CARNEIRO, Marcelo. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Luiz, MA, 16 abr. 2019.

FERREIRA, Polyana. [mar. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. Recife, PE, 28 mar. 2019.

FONTES, Paulo. [ago. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. Rio de Janeiro, RJ, 5 ago. 2019.

MACIEL, Lidiane. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, SP, 4 abr. 2019.

MARINHO, Karlene. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Luiz, MA, 16 abr. 2019.

MENEZES, Marilda Menezes. [fev. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, SP, 28 fev. 2019.

MOURA, Flávia. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Luiz, MA, 15 abr. 2019.

PRÍNCIPE, Danielle. [mar. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, SP, 22 mar. 2019.

SATURNINO, Marcelo. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, SP, 2 abr. 2019.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. [jun. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, SP, 24 jun. 2019.

SOUZA, Andrea. [abr. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Luiz, MA, 16 abr. 2019.

SOUZA, Thiago Romeu de. [mar. 2019]. Entrevistadora: Valéria Barbosa de Magalhães. São Paulo, 25 mar. 2019. [Google Meet].

Recebido em 19/05/2022

Aprovado em 23/10/2022

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Conflito de interesses: nada a declarar.